

O Trabalho de Campo em Pesquisa-Ação Participativa: Reflexões sobre uma Experiência em Andamento com a Comunidade Negra dos Arturos e a Associação Cultural Arautos do Gueto em Minas Gerais¹

Glaura Lucas

Resumo

Trata-se de uma reflexão sobre os modos de fazer o trabalho de campo, quando o estudo etnomusicológico inclui a perspectiva da pesquisa-ação participativa. O foco são as relações humanas, bem mais intensas e dialógicas nesse tipo de pesquisa, realçando a importância de se considerarem eventuais mal-entendidos nas interações que evidenciam maior distanciamento cultural entre as partes, buscando formas de minimizá-los. Os exemplos abordados emergem de um processo de pesquisa em andamento, tendo como parceiras a Comunidade Negra dos Arturos, situada em Contagem, Minas Gerais, e a Associação Cultural Arautos do Gueto, com sede no Morro das Pedras, em Belo Horizonte. A partir da discussão sobre esses exemplos, tecem-se finalmente algumas considerações sobre as implicações, para os cursos de graduação e pós-graduação, da busca crescente dos alunos por essa modalidade de pesquisa compartilhada.

Palavras-chave: Trabalho de campo; pesquisa-ação participativa; Comunidade Negra dos Arturos; Associação Cultural Arautos do Gueto; cursos de graduação e pós-graduação

Abstract

This paper aims at discussing ways of developing fieldwork, when the ethnomusicological study is carried out according to the perspectives of a participatory action research. It focuses on the human relations, which become more intense and dialogical in this type of research. The importance of considering occasional misunderstandings throughout the process is highlighted, especially when there is a greater cultural gap between researcher and the people whose music is being researched, and forms of reducing them are discussed. The examples approached emerge from a research in progress, which is being developed together with Comunidade Negra dos Arturos (Black Community of Arturos), located in Contagem, Minas Gerais, Brazil, and the Associação Cultural Arautos do Gueto (Arautos do Gueto Cultural Association), which is situated in Morro das Pedras, in Belo Horizonte, Minas Gerais. The text ends with some considerations about the consequences, for higher education, of an increasing interest in this mode of shared research, by students.

¹ Este texto é uma ampliação do que foi apresentado no V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia, no Painel intitulado *Modos de fazer etnomusicologia: o que estamos construindo para o futuro?* Agradeço à Presidente da ABET, Maria Elizabeth Lucas, à diretoria da ABET e à comissão organizadora do VENABET, o convite para participação nesse Painel. Sou grata também a José Alberto Salgado e Silva pelo convite para a publicação deste texto. Meus agradecimentos se estendem aos dois pareceristas anônimos por suas valiosas contribuições ao texto.

Keywords: Fieldwork; participatory action-research; Comunidade Negra dos Arturos; Associação Cultural Arautos do Gueto; undergraduate and graduate courses

O Painel “Modos de fazer etnomusicologia: o que estamos construindo para o futuro?”, no V Encontro da Associação Brasileira de Etnomusicologia, nos convidou a refletir sobre tendências e desafios na condução da pesquisa etnomusicológica na atualidade, e assim vislumbrar as implicações futuras das ações presentes, com suas concepções e intenções subjacentes. Neste sentido, nossa reflexão se volta para os modos de se fazer o **trabalho de campo**, quando o processo inclui a perspectiva da **pesquisa-ação participativa**. O foco são as relações humanas, que se tornam bem mais intensas e dialógicas nesse tipo de pesquisa, e sobre a importância de se considerarem possíveis “diálogos de surdos”², ou de mal-entendidos, nas interações que evidenciam um distanciamento cultural, buscando formas de minimizá-los. Essas reflexões emergiram dos desafios enfrentados em uma pesquisa em andamento que venho desenvolvendo junto à Escola de Música da UFMG, a qual tem como parceiras a Comunidade Negra dos Arturos, situada em Contagem, e a Associação Cultural Arautos do Gueto, com sede no Morro das Pedras em Belo Horizonte.

Assim como a etnomusicologia contribuiu para a conscientização na academia da diversidade da noção de música, evidenciando a pluralidade de contornos conceituais culturalmente construídos em torno dessa noção³, também a etnomusicologia se percebe plural, dada a variedade de abordagens, de finalidades, de métodos de pesquisa e perspectivas analíticas que se desenvolveram e se desdobram atualmente no âmbito de seu campo de estudos. Dessa forma, são múltiplos também os modos com que se desenvolveram as interações sociais específicas entre o(a) pesquisador(a) e participantes da prática musical estudada, desde que a etnografia tornou-se método fundamental de pesquisa. Diálogos interculturais e interpessoais, construídos nas interações em campo, sempre estiveram na base da pesquisa interpretativa, a qualidade de seus resultados estando condicionada à sensibilidade do pesquisador de aproximar-se das concepções e percepções locais sobre a música em foco e sua prática. Embora esse processo de pesquisa produza impactos em ambas as partes dessas relações, por vezes levando a uma mútua aprendizagem, ele não obstante sempre deixa transparecer a distância entre as partes envolvidas, no que diz respeito aos objetivos e motivações para a participação, e também aos benefícios gerados pelo processo, uma vez que se constróem a partir de

² Para o antropólogo Wyatt MacGaffey (1986), ‘diálogo de surdos’ exprime uma situação de mútua incompreensão numa interação social marcada por distanciamento cultural entre as partes. Essa expressão foi usada primeiramente por Albert Doutreloux para se referir às relações entre colonizadores e colonizados, “marcadas por uma profunda ambiguidade”, no Mayombe (Doutreloux, 1967: 261). Prefiro, no entanto, me referir a esse tipo de comunicação, em que se destaca a mútua incompreensão dos suportes conceituais e perceptivos que embasam os discursos e demais interações, como diálogos de mal-entendidos.

³ Samuel Araújo, por exemplo, propõe a expressão ‘trabalho acústico’, que nos ajuda a desconstruir os condicionamentos colados ao termo música no uso dominante, vendo-a assim como uma prática que origina-se do “processo abstrato de se trabalhar o tempo acusticamente” (Araújo, 1992: 217, tradução minha).

relações assimétricas de poder, determinadas que são por condições sociais e políticas desiguais entre pesquisador e pesquisados⁴.

Nas últimas décadas do século XX, os modos de representação etnográfica herdados das relações colonialistas passaram a ser questionados mais fortemente e, portanto, também a autoridade etnográfica, entendida não apenas sob a ótica da desigualdade entre as partes, independentemente do grau de distanciamento cultural entre elas, mas também, conforme aponta José Reginaldo Santos Gonçalves,

.. no sentido de se pensarem as estratégias retóricas pelas quais o “autor” (...) constrói a sua presença (ou ausência) no texto, assegurando em termos epistemológicos (mas também,...) em termos de poder) a legitimidade do seu discurso sobre aquele contexto social e cultural a ser representado. (GONÇALVES, 2008, p. 13)

No âmbito da etnomusicologia, respostas a esses questionamentos incluem o fortalecimento da etnomusicologia aplicada e da perspectiva da pesquisa ação e da pesquisa participativa:

Etnomusicologia aplicada é a abordagem guiada pelos princípios da responsabilidade social, a qual ultrapassa a meta acadêmica usual de alargamento e aprofundamento da compreensão e do conhecimento, indo na direção da solução de problemas concretos e na direção de se trabalhar tanto dentro quanto além dos contextos acadêmicos típicos. (HARRISON; MACKINLAY; PETTAN, 2010, p. 1, tradução minha)

[Pesquisa-ação e pesquisa participativa] têm em comum o propósito de permitir ou de facilitar experiências e a construção de conhecimentos compartilhados entre pesquisadores e membros ou atores implicados na situação observada, na qual, conjuntamente, são identificados problemas e propostas soluções ou ações de diversos tipos e alcance, respeitando critérios éticos aceitos pelas partes interessadas. (THIOLLENT, 2008, p. 189).

A importância desse tipo de abordagem vem se destacando na etnomusicologia brasileira na última década, a partir dos projetos pioneiros desenvolvidos pelo Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, sob coordenação de Samuel Araújo (projetos ‘Música, Memória e Sociabilidade na Maré: um estudo etnomusicológico colaborativo em uma comunidade do Rio de Janeiro’ e ‘Gerações do Samba nas Comunidades da Formiga e Salgueiro: uma Proposta de Pesquisa em Etnomusicologia Aplicada’), cujos resultados variados vêm inspirando a disseminação da perspectiva do trabalho compartilhado pelo país⁵.

⁴ Ver Vincenzo Cambria (2008) para uma reflexão interessante sobre essas interações sob a ótica da noção de ‘diálogo’.

⁵ Ver, por exemplo, Araújo, S. (2004), Araújo, S. et al (2006, 2007), Cambria, V. (2004). Exemplos de, e reflexões sobre processos compartilhados de pesquisa e ação participativa encontram-se também em Lucas, G. (2006), Marques, F. (2008), e Tugny R. (2009a e 2009b).

Dentre as ações possíveis para essas modalidades de pesquisa, podemos citar as de alcance mais amplo, como a participação do pesquisador na formulação de políticas públicas; na organização de arquivos e museus; em projetos pedagógicos; na condução do registro e inventário de tradições culturais, e também as de impacto mais localizado, como a sua atuação na defesa do patrimônio musical de grupos específicos, e na concretização de projetos de interesse comunitário.

A especificidade de tais modalidades de pesquisa e a maneira como são conduzidas contribuem ainda mais para a diversificação da prática etnomusicológica, na medida em que seu percurso:

- 1) busca conciliar modos de pensar e de fazer acadêmicos com modos de pensar e de fazer praticados pelo grupo com o qual se desenvolve a pesquisa;
- 2) se abre para a possibilidade de gerar resultados e produtos variados, e outras formas de intervenção social, para além do geralmente esperado texto escrito (confeção de cds e dvds, realização de eventos, desenvolvimento de projetos educacionais, implementação de centro de memória e organização de acervos documentais, etc.); e
- 3) embora também se construa a partir da especificidade das interações sociais entre o(a) pesquisador(a) e os demais participantes do grupo, essas envolvem, além da qualidade dos intercâmbios e aprendizados mútuos, as muitas variáveis do processo de definição dessa relação. Tais intercâmbios podem se tornar tão mais intensos quando o diálogo desvela formas distintas de concepção e percepção não apenas da noção de música e do contexto de sua prática, como também – em função da ação compartilhada – dos próprios modos de fazer e dos modos de pensar que os norteiam.

Sobre essa questão, Samuel Araújo observa:

Durante uma pesquisa participativa é de se esperar que tanto as questões quanto o foco das ações possam mudar à medida que novas interpretações sobre aspectos significativos da prática musical vão emergindo, o que torna esse tipo de pesquisa simultaneamente mais dinâmico e desafiador. (ARAÚJO, 2004, p. 2)

Gostaria então de compartilhar algumas reflexões e inquietações em torno da experiência de pesquisa que inclui a perspectiva da pesquisa aplicada e de ação participativa com dois grupos de práticas sócio-musicais distintas, atuantes na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Um é a Comunidade Negra dos Arturos, agrupamento familiar situado em Contagem/MG, reconhecido pelo conjunto de tradições culturais que mantém e recria, enraizadas na experiência de seus antepassados, como o Reinado (Congado), a Folia de Reis, a Festa da Abolição, o Batuque, a Festa de Capina (esta, já bem menos frequente), além de um conjunto de práticas tradicionais cotidianas, como a culinária, a benzeção e o uso de ervas medicinais⁶. Sendo o festejar e a performance elementos fundamentais da

⁶ Uma experiência anterior de pesquisa ação-participativa com os Arturos se deu no processo de realização coletiva do cd-livro contendo parte do patrimônio musical do Reinado (Congado) praticado pela comunidade (Lucas, G. e Luz, J. B. (coords.), 2006). Mesmo

dinâmica de vivências e relações da comunidade, novos eventos também vão sendo promovidos, alguns se incorporando ao calendário da comunidade, como as festas juninas altamente elaboradas, e outros propostos mais esporadicamente, como o auto das pastorinhas, por exemplo.

Como parte desse movimento, criou-se há uns vinte anos um grupo formado por adolescentes e jovens da comunidade, que trabalham a música, a dança e o teatro artisticamente, com vistas ao espetáculo. Esse grupo veio a se chamar Filhos de Zambí, e vem cumprindo funções muito importantes para a engrenagem que mantém a proteção e a continuidade das tradições da família. Utilizando aqui a distinção elaborada por Thomas Turino (2008), o grupo satisfaz a vontade dos jovens de se engajarem em *performances para apresentação* pública, em palco, ao mesmo tempo em que fortalece os sentidos de pertencimento à família, motivando o seu empenho para com as *performances participativas* de interesse comunitário. Os Arturos em geral percebem muito bem essa distinção, ao contrário de muitos visitantes provenientes dos mais variados setores sociais, que tendem a projetar uma visão naturalizada e unívoca de música sobre suas práticas, visão esta que a percebe apenas como entretenimento, voltada para apresentação para um público. E exatamente por se alinhar ao tipo de prática musical mais dominante fora da comunidade, a do entretenimento, o grupo Filhos de Zambí é oferecido às demandas externas de participação dos Arturos em apresentações sem cunho religioso, se tornando assim um escudo para as práticas musicais consideradas sagradas.

O outro grupo é a Associação Cultural Arautos do Gueto, projeto artístico, educacional e de ação social criado em 1996 por moradores do Morro das Pedras, aglomerado de favelas situado na região oeste de Belo Horizonte. O projeto, com sede no próprio Morro, é voltado para crianças, adolescentes e jovens habitantes do aglomerado, tendo a música e a dança como eixos principais. A Associação criou vários grupos – de dança, de percussão mirim, de percussão dos jovens, e a banda show. A identidade musical dos grupos, tema recorrente das reuniões da coordenação, parte das conexões que têm com gêneros contemporâneos que projetam alguma forma de identidade negra, incluindo contudo expressões de elementos menos conscientes construídos culturalmente ao longo da história de vida deles no ambiente do Morro.

Arturos e Arautos são colaboradores no projeto de pesquisa mais amplo que venho desenvolvendo intitulado: “Memória e Reconstrução de Significados em Práticas Musicais de Negros na Região Metropolitana de Belo Horizonte”. O projeto visa compreender como grupos tradicionais recriam significados e revigoram valores em suas práticas a partir da maneira como articulam a memória e as demandas atuais e como grupos recém-constituídos expressam, incorporam e projetam sentidos contemporâneos de identidade étnica a partir de sua prática musical. Embora tenha como parceiros principais os Arturos, em especial os Filhos de Zambí, e os Arautos, a pesquisa pretende um olhar mais amplo, buscando identificar e relacionar elementos sonoros e os modos de fazer, de conduzir socialmente a música no tempo, em vários

depois de ter desenvolvido pesquisas de mestrado e doutorado sobre o Reinado desse grupo (Lucas, G. 2002 e 2005), as quais buscaram uma interação intensa com vários participantes e a inclusão criteriosa de suas vozes no texto final, o processo dialógico para a realização coletiva do cd-livro configurou-se como um contexto especialmente mais rico, revelador e extremamente gratificante de aprendizagem e de atuação.

ambientes musicais afrodescendentes ou que de alguma forma evocam uma associação identitária com referenciais culturais de matriz africana. A pesquisa almeja, como desdobramento, levantar subsídios para contribuir para a elaboração de projetos pedagógicos voltados ao cumprimento combinado das leis 11.769, que torna obrigatório o ensino de música na educação básica e a 10.639, atualizada como 11.645 que obriga a inclusão da temática de história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo oficial da rede de ensino. Ressalto que esse é um interesse que vem também sendo considerado por ambos os grupos.

A história de dezesseis anos de relacionamento contínuo com os Arturos e de quatorze anos com os Arautos, nos proporciona uma condição privilegiada de observação daquilo que se constitui como valor e significância no trato da memória e nos processos de produção de sentido em suas músicas ao longo dos anos, ao mesmo tempo em que favorece conciliar os objetivos gerais dessa pesquisa ao atendimento de demandas locais variadas, sejam aquelas vindas a partir de eventuais necessidades específicas dos grupos, sejam as feitas em resposta à minha proposta de que a pesquisa assumisse o formato de pesquisa ação-participativa. Dessa forma, essas iniciativas incluem desde intervenções mais pontuais enquanto uma aplicação social do conhecimento etnomusicológico e acadêmico em geral, até processos mais extensos e elaborados de pesquisa co-participativa. Importante ressaltar que o reconhecimento dessas iniciativas como pesquisa aplicada ou de ação participativa é obviamente da pesquisadora, que reflete com os grupos sobre essas denominações. No entanto, elas guardam afinidades com os modos de fazer dos grupos, para os quais a soma de competências e de opiniões e a construção dialógica de conhecimentos para a realização coletiva de algo relevante para o bem comum se configuram como atitude e prática tradicionalmente significativas.

Da parte dos Arautos do Gueto, o interesse exposto foi o de que os auxiliássemos na sistematização da metodologia de ensino-aprendizagem que os professores dessa Associação desenvolveram ao longo desses anos de trabalho. Tendo sido elaborada a partir das especificidades do contexto, essa metodologia é considerada por eles eficiente em vários sentidos, na medida em que parte de uma concepção de música ampliada, que percebe seus significados sociais e culturais como indissociados do som. Defendem, assim, a qualidade da metodologia, não apenas do ponto de vista do desenvolvimento da competência técnico-artística musical desejada, como também na formação mais global das qualidades humanas de auto-confiança, auto-estima, respeito, solidariedade, companheirismo, dentre outras. Entende-se que a combinação dessas estratégias de trabalho favorece o desenvolvimento dos sentidos de sociabilidade fundamentais tanto à prática musical coletiva, quanto às relações interpessoais cotidianas, consequentemente auxiliando os participantes em sua busca de suas necessidades e na administração de seus conflitos sociais. O intuito de um dos principais líderes do projeto – José Antônio Inácio – é o de que as ideias e métodos do grupo fossem organizados para facilitar a formação de multiplicadores do projeto, e também promover uma divulgação mais ampla na sociedade, sobretudo para projetos afins, que possam se beneficiar da experiência deles.

Já do lado dos Arturos, uma demanda expressa pelos atuais integrantes dos Filhos de Zambi foi a realização conjunta de um documentário sobre a história do próprio grupo, versando sobre os trabalhos desenvolvidos desde gerações anteriores junto ao grupo.

Para tanto, os participantes se engajariam em procedimentos de pesquisa da memória específica desse grupo, através de levantamento, organização e análise documental e de entrevistas, buscando entender ainda as relações das atuações dos Filhos de Zambi com o conjunto de práticas promovidas pela comunidade em geral, confrontando igualmente as opiniões de diferentes gerações da comunidade sobre a atuação do grupo e suas funções.

As ações desencadeadas por essas demandas contaram com a atuação de dois alunos de Iniciação Científica. O primeiro deles, Rubens de Oliveira Aredes, participou de aulas, ensaios e reuniões junto aos Arturos, tendo sido gerado um resultado inicial parcial em 2010⁷, o qual Rubens continua a desenvolver, hoje como aluno do mestrado da Escola de Música da UFMG. Com relação aos Arturos, Rubens concorreu por iniciativa própria e foi vencedor de uma Bolsa Funarte de Produção Crítica em Culturas Populares e Tradicionais/2010, com o projeto “Filhos de Zambi: uma nova estratégia de reprodução dos valores e significados tradicionais na Comunidade Negra dos Arturos em Contagem”. Como caminho para sua execução, o aluno sugeriu à comunidade atender à demanda deles, proporcionando condições para a realização do documentário, com isso seguindo a trilha da construção conjunta e compartilhada de conhecimentos da ação participativa. Para tanto, foi oferecido, com recursos do prêmio, um curso de cinema, incluindo treinamento em filmagem, elaboração de roteiro, edição, etc. e foram adquiridos os equipamentos necessários. Após essa etapa, nós conduzimos juntos com um sub-grupo dos Filhos de Zambi o processo de pesquisa gerado pelas demandas do projeto do documentário⁸.

Paralelamente à execução dessas duas metas acordadas com as comunidades, outras demandas vindas dos Arturos, que se caracterizam mais proximamente com a aplicação de conhecimentos na resolução conjunta de necessidades da comunidade, de um jeito ou de outro se agregam à pesquisa, na medida em que potencialmente iluminam as reflexões sobre o trato com a memória e a reelaboração de suas tradições, movimentos estes que permeiam os próprios sentidos de existência da comunidade e daquilo que fazem, que sentem, como fazem, porque fazem, etc.. Essas demandas tratam de iniciativas que representam algum grau de transformação às tradições, devendo portanto ser analisadas no jogo de forças que impulsiona a memória prospectivamente⁹. Dentre elas, destaco:

- e) A avaliação da nova encenação da libertação dos escravos na Festa da Abolição.

⁷ Os resultados de sua pesquisa foram apresentados no VENABET (Ver Aredes, 2011).

⁸ Dentre os resultados, estão também um texto final escrito a várias mãos e a construção coletiva de um blog contendo registros desse processo (<http://arturosfilhosdezambi.blogspot.com/>). O documentário continua em processo de produção.

⁹ As reflexões em torno dos objetivos da pesquisa mais ampla incluem discussões acerca das diferentes interpretações das noções de memória, tradição e história. Essas discussões, no entanto, extrapolam os objetivos desta apresentação sobre as ações compartilhadas com os grupos parceiros da pesquisa.

Essa é uma etapa tradicional da Festa da Abolição¹⁰, que acontece no adro da igreja, com a participação de representantes de vários setores da sociedade, dentre eles o(a) prefeito(a), vereadores, membros da igreja, reis e rainhas do Reinado, várias guardas e o público em geral. Sendo realizada em espaço de grande visibilidade, essa etapa era alvo dos mais frequentes de interferência externa. Membros da Prefeitura, interessados no potencial turístico do evento, além de artistas e intelectuais vinham pressionando a comunidade a modificarem essa encenação, considerada ingênua tanto esteticamente quanto em seu conteúdo. Com efeito, o questionamento em torno dos símbolos oficiais, como a figura da princesa Isabel e o ‘13 de maio’, só mais recentemente vem repercutindo entre os Arturos, principalmente os das gerações mais jovens, quanto à concepção dos significados da festa. Em seus discursos públicos, esses jovens realçam a importância do evento como espaço de denúncia contra a discriminação racial e de reivindicação de condições de vida mais dignas para a população negra, por exemplo. Por outro lado, para os mais velhos, o mais importante é a homenagem que prestam a seus antepassados que viveram a escravidão, e aos fatos mítico-históricos que conformam, juntamente com a memória dos relatos dos familiares que os antecederam, o imaginário de suas origens, daquilo que os leva a serem congadeiros no mundo de hoje. Importante nesse sentido é o entendimento de que houve a ação de Nossa Senhora do Rosário e dos antepassados sobre a Princesa Isabel para a assinatura da lei áurea. Portanto, os mais velhos não abrem mão do modelo a que estão habituados: “Certo ou errado, é assim que a gente sempre fez”, nos revelou o capitão regente de Contagem, Seu Antônio Maria da Silva. Dessa forma, a cada ano, diferentes atores e atrizes propunham novos diálogos e representações, mais “politicamente corretos” e mais saborosos às exigências estéticas de parte do público. Porém, acabavam por entrar no esquecimento, não sendo mantidos para o ano seguinte, seja por não se apresentarem significativos e portanto passíveis de serem incluídos no conjunto de etapas do evento tradicional, seja pelo caráter passageiro da atuação desses agentes externos junto à comunidade. Até que os próprios Filhos de Zambi criaram uma versão contestando o papel da Princesa Isabel, em projeto desenvolvido com o Grupo Trama de teatro, atuante em Belo Horizonte, o que despertou o interesse de muitos na Comunidade, dada a sua relevância no movimento da tradição.

Trata-se portanto de uma questão bastante delicada, na medida em que evidencia tensões relativas às diferenças de sentido e de concepção entre gerações, o que no entanto é algo normalmente verificável na vivência de várias tradições culturais ao longo de seu tempo histórico. Neste caso específico, os líderes administrativos da Comunidade dos Arturos convidaram algumas pessoas da irmandade e outras com longa vivência nos processos comunitários, para juntos avaliarem a inclusão da nova proposta de encenação da escravidão e da assinatura da Lei Áurea, e seu impacto no ritual como

¹⁰ A Festa da Abolição (ou da Libertação) é realizada pelos Arturos há muitos anos, como forma de rememoração da abolição da escravatura no país. Antigamente, tratava-se de celebração interna, em que os Arturos, reunidos nas guardas, hasteavam mastros em honra aos antepassados escravizados. Embora os mastros ainda sejam hasteados anualmente no dia 13 de maio, a festa assumiu grandes proporções a partir da década de 1970, quando passou a ser patrocinada pela Prefeitura Municipal de Contagem. Em função da importância e do papel do antepassado na experiência espiritual dos congadeiros, essa festa, embora a princípio de caráter cívico, carrega sentidos espirituais profundos para eles. Ver Lucas (2005, p. 192-195).

um todo. As discussões coletivas passaram pela revisão historiográfica, porém sem se desvincular da história oral, dos mitos que circulam ali e que fundamentam os sentidos da memória que ainda se revigoram para várias gerações da comunidade. A força desse sentimento pode ser percebida na fala do Seu Antônio, ao preparar as moças e rapazes representando os escravos na festa, incluindo os Filhos de Zambi, para saírem para as ruas: “Vocês estão aqui hoje, vestidos assim, para emprestar a sua matéria para nossos antepassados participarem e serem homenageados”. As diferenças entre as gerações quanto à hierarquia dos valores, entre as forças da continuidade e da mudança em relação aos conteúdos da Festa, ficam bem evidentes quando observa-se que a bandeira com a estampa da Princesa segue sendo erguida no mastro nos atos inaugurais da Festa, e no dia seguinte, a encenação dos jovens, de ares bastante cômicos, desconstrói a imagem da Princesa, até mesmo ridicularizando-a;

b) A participação como curadora de oficinas do projeto ‘Preservação das raízes do Pai Arthur’.

Elaborado coletivamente, esse projeto foi viabilizado pela lei federal de incentivo à cultura, através da Eletrobrás, e teve como objetivo principal a transmissão e circulação de saberes tradicionais sobretudo para as novas gerações, considerando-se que a comunidade hoje, com mais de 500 integrantes, percebe a necessidade de outros recursos de transmissão para além daqueles processos próprios do que se entende generalizadamente por oralidade. No entanto, o projeto inclui também oficinas voltadas para a ampliação dos horizontes de conhecimento sobretudo dos jovens, a partir da vontade deles. Foram oferecidas oficinas destinadas à construção de tambores e gungas, para os jovens Arturos e outras comunidades congadeiras; à capacitação dos Filhos de Zambi em linguagens artísticas da dança e da percussão de matriz afro não experimentadas através das tradições da comunidade; a aprender a tocar os instrumentos da Folia de Reis (violão, cavaquinho e sanfona) e seu repertório – esta voltada mais exclusivamente para membros dos Arturos; ao aprendizado da culinária típica das festas, e ao aprendizado da confecção de vestimentas típicas das tradições.

Analisando então o processo como um todo, a pesquisa vem se desenvolvendo por meio de uma metodologia que combina procedimentos de investigação tradicionais com os próprios da pesquisa ação participativa, agregando ramificações, e ao mesmo tempo criando uma rede de conexões, assumindo assim, ela própria, um formato que a meu ver muito se assemelha à maneira holística e inter-conectada como essas comunidades pensam, sentem e realizam suas músicas. Em outras palavras, da mesma maneira que as músicas que eles produzem se vêem intimamente relacionadas a um conjunto de saberes que guiam o jeito de ser e de viver desses grupos, a própria pesquisa, e seus métodos, também vão se delineando nessas correlações, se abrindo para esse entendimento, ao tecer uma teia de objetivos que se fertilizam mutuamente e se estabelecem um tanto quanto imprevisivelmente. Por exemplo, tanto o trabalho com os Arturos, de organização da metodologia de ensino deles, quanto as discussões em torno de como montar as oficinas com os Arturos, nos proporcionam dialogar sobre aquilo em seus processos de transmissão cultural que priorizam enquanto concepções, conteúdos musicais e métodos significativos a serem passados para outros e perpetuados, nos fornecendo subsídios para a reflexão sobre memória e construção de significados.

Num contexto de pesquisa assim, desafios e situações inéditas decorrentes dos diálogos entre modos distintos de pensar e de fazer não são incomuns. Por vezes, o(a) pesquisador(a) é convidado(a) a aprender a operar com categorias teóricas e metodológicas nem sempre familiares, sob a ótica acadêmica, e conter impulsos de impor métodos naturalizados pelo condicionamento de sua própria formação e concepção.

Num primeiro exemplo, ambas as demandas revelaram uma necessidade dos grupos de se engajarem com ações e procedimentos mais próximos das atuações profissionais formais de transmissão de conhecimento, tais como organizar oficinas e sistematizar a metodologia de ensino. Entretanto, nos dois casos, o processo de formalização das dinâmicas de ensino-aprendizagem realçou a importância para eles da manutenção e reprodução de métodos e critérios de transmissão mais próprios da oralidade, mais globais e inter-relacionados. Para os Arturos, por exemplo, não faz sentido uma oficina de percussão isolada da de dança, ou ensinar separadamente os instrumentos da Folia de Reis, nos convidando a um exercício criativo na montagem das oficinas e na preparação dos professores externos, mais habituados ao hábito da fragmentação nos processos de ensino-aprendizagem. Já em relação aos Arautos do Gueto, o tocar bem depende de um sentimento de auto-estima e auto-confiança que é conscientemente estimulado pelos professores do projeto através de uma atitude de respeito, afeto e interesse por cada aluno individualmente, se tornando esses, elementos fundamentais no âmbito da metodologia de construção da aprendizagem musical.

Além dessas questões que evidenciam uma visão holística dos contextos em que as músicas se inserem e da relação dessa visão com os processos de transmissão de conhecimentos próprios da oralidade, um outro fator importante que emerge constantemente diz respeito especificamente à comunidade dos Arturos, em função da especificidade dos modos de ser e de pensar provenientes da herança ancestral, que se projeta nos modos de fazer e assim sobre a pesquisa em geral. Tudo que realizam e promovem em prol da comunidade está calcado na experiência da conexão com os antepassados, no papel fundamental do tambor nesse processo, e na compreensão da intervenção dos antepassados e de Nossa Senhora do Rosário no cotidiano e no futuro do grupo familiar. Assim, a percepção que têm da própria presença desta pesquisadora junto à comunidade, se dá a partir dessa concepção, metaforicamente traduzida como mais uma conta do rosário, uma imagem que também remete a relações coletivas menos hierarquizadas, e a um conjunto de inter-relações, das quais os antepassados também participam. A importância fundamental dessa noção e dessa experiência observa-se no fato de que todas as reuniões para esses e outros projetos, e também certos cursos, acontecem dentro da capela, sob os olhares e auxílio dos antepassados cujos retratos estão pendurados no altar junto às imagens dos santos. Entremeados às discussões verificam-se atos individuais de fé, como beijar o terço pendurado do altar e fazer o sinal da cruz, e/ou orações individuais ou coletivas no início e no fim dos trabalhos. Essa concepção portanto permeia todo e qualquer processo de ação e de pesquisa conjunta, constituindo a principal referência teórica a orientar seus resultados. Realça ainda a delicadeza das relações e a grande responsabilidade de todos com as consequências das ações que serão implementadas com sua contribuição.

A partir dessas reflexões, gostaria de finalizar tecendo algumas considerações sobre o processo de pesquisa de campo compartilhado, pensando nas implicações para os cursos

de graduação e pós-graduação do interesse crescente dos alunos pela pesquisa ação-participativa, relativamente à formação desses futuros etnomusicólogos, no que se refere ao ‘corpo a corpo’ no campo, sobretudo quando este envolve um maior distanciamento cultural.

Para o pesquisador, ou aluno-pesquisador, a experiência compartilhada se apresenta como potencialmente bem mais rica e complexa em termos de interação social, em se comparando com modelos mais tradicionais da pesquisa interpretativa. No entanto, esse diálogo vai ser tão mais profundo, quanto mais atento o pesquisador estiver para a qualidade das habilidades interpessoais nesse relacionamento. Analogamente às conexões estabelecidas pelos Arautos para o sucesso no processo de ensino-aprendizagem, realço igualmente a importância de se discutirem intensamente com os alunos-pesquisadores as questões de ética e de respeito, sempre fundamentais; de se desenvolverem as habilidades interpessoais e interculturais que partem de uma ampliação da escuta e do olhar, e de se atentar para que contenham o impulso de um julgamento ou interpretação imediata e precipitada, baseados nos condicionamentos culturais naturalizados do pesquisador. Acredito que, dessa forma, estarão mais aptos a ouvir e a atuar com os grupos com que se constroem conhecimentos, reconhecendo eventuais diferenças conceituais e perceptivas e identificando os modos de pensar que se configuram como categorias analíticas próprias, para possibilitar enfim trocas e diálogos de entendimentos mútuos.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO Jr., Samuel Mello. *Acoustic labor in the timing of everyday life: a critical contribution to the history of samba in Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Urbana, Illinois, 1992.

_____. Samba, coexistência e academia: questões para uma pesquisa em andamento. *Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular (IASPM)*. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em [http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20\(PDF\)/SamuelAraujo.pdf](http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20(PDF)/SamuelAraujo.pdf).

ARAÚJO, S. et alli. Música e políticas públicas para a juventude: por uma nova concepção de pesquisa musical. *Anais do XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM)*, p.216-219, Brasília, 2006a.

_____. Conflict and violence as theoretical tools in present-day ethnomusicology: notes on a dialogic ethnography of sound practices in Rio de Janeiro. *Ethnomusicology*, 50(2), p. 287-313, 2006b.

AREDES, Rubens de O. Significados e identidade negra na música e arte dos grupos Arautos do Gueto e Filhos de Zambi. *V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET)*. Anais. Belém, 2011.

CAMBRIA, Vincenzo. Etnomusicologia aplicada e “pesquisa ação participativa”: reflexões teóricas iniciais para uma experiência de pesquisa comunitária no Rio de Janeiro. *Anais do V Congresso Latino-americano da Associação Internacional do*

Estudo da Música Popular (IASPM). Rio de Janeiro, 2004. Disponível em [http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20\(PDF\)/VincenzoCambria.pdf](http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20(PDF)/VincenzoCambria.pdf).

CAMBRIA, Vincenzo. Novas estratégias na pesquisa musical: pesquisa participativa e etnomusicologia. In: ARAÚJO, S.; PAZ, G. & CAMBRIA, V. (orgs) *Música em Debate: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, p. 199-211, 2008.

DOUTRELOUX, Albert. *L'ombre des fetiches*. Louvain: Editions Nauwelaerts, 1967.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Apresentação. In: CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Organização de José Reginaldo Santos Gonçalves. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

HARRISON, Klisala, MACKINLAY, Elizabeth & PETTAN Svanibor (eds.) *Applied Ethnomusicology: Historical and Contemporary Approaches*. Cambridge: Cambridge Scholar Publishing, 210.

LUCAS, Glaura. Os Sons do Rosário: o Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. *Música e Tempo nos Rituais do Congado Mineiro dos Arturos e do Jatobá*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005 (não publicada).

LUCAS, Glaura & LUZ, José Bonifácio da (Coords.). *Cantando e Reinando com os Arturos*. Belo Horizonte: Ed. Rona, 2006 (2 cds incluídos).

MACGAFFEY, Wyatt. *Religion and Society in Central Africa: the Bakongo of Lower Zaire*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1986.

MARQUES, Francisca. Educação comunitária como prática de etnomusicologia aplicada: reflexões sobre uma experiência no Recôncavo Baiano. *REVISTA USP*, São Paulo, n.78, p. 130-138, junho/agosto 2008.

THIOLLENT, Michel. Perspectivas da pesquisa-ação em etnomusicologia: anotações e primeiras indagações. In: : ARAÚJO, S.; PAZ, G. & CAMBRIA, V. (orgs) *Música em Debate: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, p. 189-197, 2008.

TUGNY, Rosângela Pereira de (org.) e narradores, escritores e ilustradores da Terra Indígena de Água Boa. *Cantos e histórias do Gavião-Espírito*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009a.

TUGNY, Rosângela Pereira de (org.) e narradores, escritores e ilustradores da Terra Indígena do Pradinho. *Cantos e histórias do Morcego-Espírito*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009a.

TURINO, Thomas. *Music as social life: the politics of participation*. Chicago and London: University of Chicago Press, 2008.